

MEMÓRIA, IDENTIDADE E PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO: UM ESTUDO SOBRE AS LEMBRANÇAS DOS VELHOS DA VILA DO CATIMBAU, BUÍQUE-PE

Sabrina Alves Mello¹
Viviane Maria Cavalcanti de Castro²

RESUMO

A vila do Catimbau está localizada no município de Buíque, microrregião do Vale do Ipanema, Pernambuco, Brasil. Parte do território deste município integra o Parque Nacional do Catimbau (PNC), criado em 2002, por abrigar características biológicas, geológicas e, principalmente, arqueológicas singulares. Este artigo apresenta o estudo realizado com os moradores mais velhos da vila do Catimbau e sua relação com o patrimônio arqueológico do PNC. Por meio da história oral pretendeu-se compreender como os idosos se relacionam com os sítios arqueológicos. Os resultados indicam que não existe uma relação identitária com o patrimônio arqueológico, mas com eventos cotidianos e relacionados com as atividades de trabalho que conduziam esses moradores aos espaços dos sítios arqueológicos.

Palavras-chave: Memória, Velhos, Patrimônio Arqueológico

ABSTRACT

The village of Catimbau is located in the municipality of Buíque, micro region Valley of Ipanema, Pernambuco, Brazil. Part of the territory of this municipality includes the Catimbau National Park (PNC), created in 2002 for harboring biological, geological and, principally, unique archaeological. This paper presents the study of the oldest residents of the village of Catimbau and its relationship to the archaeological heritage of the PNC. Through oral history aimed to understand how the elderly are related to the archaeological sites. The results indicate that there is no identity relationship with the archaeological heritage, but with daily and events related work activities that led these residents to places of archaeological sites.

Keywords: Memory, Elderly, Archaeological Heritage

RESUMEN

El pueblo del Catimbau se encuentra en el municipio de Buíque, micro región del Valle del Ipanema, Pernambuco, Brasil. Parte del territorio de este municipio incluye el Parque Nacional Catimbau (PNC), creada en 2002 por resguardar características biológicas, geológicas y sobre todo arqueológicas singulares. En este trabajo se presenta el estudio de los residentes mayores de la aldea Catimbau y su relación con el patrimonio arqueológico del PNC. A través de la historia oral tuvimos objetivo comprender cómo el viejo se refieren a los sitios arqueológicos. Los resultados indican que no existe una relación de identidad con el patrimonio arqueológico, pero con eventos del día a día y relacionados con las

¹ Bacharelado em Arqueologia, Universidade Federal de Pernambuco. Contato: terraehistoria@gmail.com

² Departamento de Arqueologia, Universidade Federal de Pernambuco. Contato: vivianemcc@gmail.com

atividades del trabajo que llevaron a estos residentes a los lugares de los sitios arqueológicos.

Palabras clave: Memoria, Viejos, Patrimonio Arqueológico

Introdução

A Vila do Catimbau está localizada na região de Buíque, dentro do Parque Nacional do Catimbau, microrregião do Vale do Ipanema, Pernambuco. O PARNA do Catimbau caracteriza-se por apresentar um grande potencial paisagístico, biológico e arqueológico com um total de 29 sítios registrados, mas que não representam a totalidade de sítios existentes. O Vilarejo distancia-se a 9 km da sede do município de Buíque e a 300 km da Capital, Recife.

O vilarejo é constituído por pessoas com apropriações identitárias diversas e o intercâmbio cultural entre esses grupos gerou representações simbólicas que se influenciaram mutuamente ao longo do tempo, contribuindo para o aparecimento de identidades culturais dissociáveis entre si. Acredita-se, também, que o patrimônio arqueológico possa ter cumprido algum papel na transição de modificações técnicas e identitárias.

Na região do Catimbau já foram realizadas algumas pesquisas arqueológicas pontuais (AMARAL, 2007; BARBOSA, 2007; MARTIN, 2005; OLIVEIRA, 2001, 2006; PROENÇA, 2013), porém nenhuma delas se propôs a investigar a relação da comunidade e, neste caso, os velhos, com todo o complexo de sítios arqueológicos presente na extensão do PARNA. A arqueologia pública se apresenta como uma ferramenta apropriada para ser utilizada neste tipo de investigação, uma vez que seu compromisso é a construção do conhecimento científico através do diálogo entre arqueologia e sociedade.

A compreensão da Arqueologia como ciência humana, que se propõe a investigar os mecanismos formadores de culturas humanas pretéritas, possibilita a conexão entre ciência e sociedade. Deste modo, fica evidente a necessidade do comprometimento da arqueologia com a formação de sujeitos históricos conscientes de seu passado e de sua atuação na sociedade (FERNANDES, 2007). A importância de envolver a comunidade nas discussões sobre o patrimônio arqueológico faz-se cada vez mais necessária, à medida que o sujeito apropria-se de sua história e toma conhecimento sobre a relevância da preservação de seu patrimônio cultural.

A opção de investigar a relação dos velhos com o patrimônio arqueológico presente no Catimbau não foi aleatória, uma vez que o princípio é exatamente voltar o olhar

da ciência arqueológica para um contexto pouco ou nada privilegiado. A visão histórica construída ao longo do tempo sobre os costumes sertanejos evidencia muitas vezes aspectos negativos relacionados às dificuldades ambientais do semiárido, seja pelo isolamento geográfico ou pela escassez de água. Contudo, é nesses espaços que ainda hoje é possível observar a relação do Homem com a natureza, caracterizada pela caça ou pelo manejo do solo para agricultura. O sertão pernambucano abriga inúmeros exemplares de atuação de grupos pré-coloniais, que desenvolviam métodos e técnicas de interação com o meio ambiente que possibilitavam – além de outros aspectos – a garantia de sobrevivência.

Compreende-se ainda que as percepções sobre os eventos que atravessam toda a vida do indivíduo são armazenadas de acordo com sua relevância coletiva e individual. Neste sentido, toma-se como estratégia a verificação existencial dos sítios arqueológicos presente em partes dos discursos dos velhos, e como estes ordenam e organizam suas memórias em favor de seus referenciais identitários.

É diante de um contexto que se caracteriza, sobretudo, por pessoas que sempre tiveram contato próximo com a natureza e, conseqüentemente, com os sítios arqueológicos ali inseridos, que esse trabalho se debruça, pois se compreende a importância do olhar da comunidade em relação aos contextos paisagísticos arqueológicos, que outrora fazia parte de sua vida.

A memória é a condutora imprescindível para a compreensão de uma possível relação identitária entre velhos e patrimônio arqueológico. Sabendo das diversas estratégias que existem para lembrar ou esquecer, destaca-se aqui a necessidade de abordar os registros das lembranças dos idosos, sobretudo, por dois motivos principais: são os velhos que guardam em si as marcas e cicatrizes de um tempo que não existe mais; e são eles também que estão o tempo todo conciliando o passado com as novidades trazidas pelo presente, que segue em ritmo acelerado de mudança física.

Arqueologia Pública e Sociedade

Trabalhos em Arqueologia Pública vem se destacando dentro das linhas de pesquisa da arqueologia, por seu interesse na investigação das questões relacionadas ao patrimônio arqueológico e comunidade, além de permitir a possibilidade do diálogo sobre as questões públicas da disciplina com os diversos setores da sociedade (FUNARI, 2001).

Atualmente, a memória vem se destacando como um forte atributo a ser investigado, uma vez que possibilita a reconstrução do passado através do olhar do

presente. Considera-se o ato de lembrar como fundamental no decorrer da vida dos indivíduos, já que, os processos de aprendizagem e vivência se acumulam e armazenam-se. A investigação da memória coletiva faz-se necessária à medida que os discursos se complementam, e, diante disto, cabe uma reflexão das estratégias de armazenamento e esquecimento de determinadas lembranças que, para Halbwachs (2006), significa repensar, reconstruir a partir do presente as experiências do passado.

Halbwachs (2006) descreve a memória coletiva como um elemento comum aos indivíduos que compartilham de um mesmo contexto de relações sociais, e, deste modo, tais indivíduos podem se tornar agentes diretos ou indiretos de determinados acontecimentos. Portanto, fica evidente a contribuição do estudo da memória coletiva para a arqueologia pública, uma vez que o contexto onde as memórias individuais se juntam para formar a memória coletiva de um grupo é caracterizado por vestígios de uma memória que não mais existe e que pode atuar como referencial para o aparecimento de novas lembranças, novas memórias.

Relacionado ao estudo da memória estão às questões sociais ligadas às reelaborações e representações identitárias, onde o indivíduo em seu discurso relata seus posicionamentos culturais, e, nestes, pode apresentar semelhanças ou diferenças em relação aos demais. Castro (2008) apresenta o conceito de identidade como um elemento que não é restrito a um campo específico, além de não ser exclusivo de nenhuma disciplina, podendo o mesmo caracterizar-se por processos dinâmicos e dialéticos, além de ter como referência, essencialmente, as semelhanças e diferenças. Entende-se aqui, portanto, a relevância de levar em consideração o conteúdo do discurso de cada memorando, buscando entender as identidades que o apresentam.

Buscando discutir e analisar a interação do Homem contemporâneo com o patrimônio arqueológico, e, refletir sobre como o mesmo interage com os contextos paisagísticos arqueológicos, destaca-se a pertinência de entender a paisagem arqueológica como uma construção social, onde a noção de sítio arqueológico transcende os espaços delimitados através dos vestígios de ocupação, para possibilitar a compreensão dos fatores naturais e antrópicos e suas inter-relações (BOADO, 1991).

Outros conceitos necessários a esta discussão estão relacionados às considerações teóricas sobre patrimônio que, ao mesmo tempo em que se apresenta como plural, devido sua existência estar relacionada às produções culturais de diversas sociedades, também se configura pela característica singular, pois cada grupo humano produz seus bens culturais a partir de suas experiências, significados e subjetividades culturais. A partir dessas características principais o patrimônio é identificado não só a partir

de sua materialidade, mas principalmente pelos elementos imateriais que compõem os bens repassados através dos tempos. Para Oliveira,

[...] patrimônio sempre teve a ver com a identidade, com valores não materiais, simbólicos, e com a memória dos indivíduos e dos grupos. Sem memória não há pessoa, não há projecto, não há sentido de comunidade – só máquinas delirantes e egoístas, monstros em que tememos transformar-nos (OLIVEIRA, 2007: 20).

Deste modo, fica notável que discutir as questões relacionadas ao sentimento de pertença e apropriação do patrimônio por parte da comunidade significa, então, zelar pela memória das sociedades que produziram tais elementos, além de ser um importante atributo para a construção de identidades. A preservação de um bem está relacionada à necessidade da representação da memória coletiva. Le Goff destaca que:

(...) é a memória dos habitantes que faz com que eles percebam, na fisionomia da cidade, sua própria história de vida, suas experiências sociais e lutas cotidianas. A memória é, pois, imprescindível na medida em que esclarece sobre o vínculo entre a sucessão de gerações e o tempo histórico que as acompanha. Sem isso, a população urbana não tem condições de compreender a história de sua cidade, como seu espaço urbano foi produzido pelos homens através dos tempos, nem a origem do processo que a caracterizou. Enfim, sem a memória não se pode situar na própria cidade, pois perde-se o elo afetivo que propicia a relação habitante-cidade, impossibilitando ao morador de se reconhecer enquanto cidadão de direitos e deveres e sujeito da história (LE GOFF, 1996: 535-536).

Dentro deste contexto, o patrimônio arqueológico cumpre um importante papel, pois é ele que muitas vezes é utilizado como instrumento de construções identitárias, demarcações étnicas e reelaborações culturais. Os vestígios arqueológicos, quando remontados e interpretados, passam a compor uma parcela fundamental na construção da história cultural das comunidades. No que diz respeito aos espaços e limites geográficos de sítios, podemos dizer que estes, numa escala maior, representam o palco das reelaborações cognitivas culturais de diferentes grupos humanos, ou seja, a apropriação do espaço enquanto local de reelaborações identitárias e de significados também faz parte do processo de preservação patrimonial.

Memória e Identidade: Lugares e dinâmicas identitárias contemporâneas

Compreender as formas como as sociedades lidam com seu passado e utilizam-se dele para reviver momentos pretéritos compõe o interesse em investigar como grupos culturais se apropriam de memórias para eternizar momentos.

Os primeiros estudos sobre memória centravam-se apenas na relação individual do sujeito com suas experiências, no qual se buscava entender como o indivíduo lidava com acontecimentos passados através do ato de lembrar. Contudo, passou-se a reconhecer que embora a memória seja formada a partir de elementos essencialmente individuais, a mesma desenvolve-se a partir de relações socioculturais (PORTELLI, 2007).

Desse modo, a memória passa a ser entendida e estudada através de duas perspectivas: individual e social (ou coletiva). A característica social da memória se dá pela relação entre indivíduo e sociedade, entretanto a apreensão de experiências é de caráter pessoal. Segundo Portelli (2007), por esse motivo existem semelhanças, distinções e contradições nos relatos sobre um determinado acontecimento, pois o caráter individual da memória, mesmo que em relação com o meio social, impede a possibilidade da existência de lembranças exatamente iguais.

Partindo dessa ideia, nota-se, então, que a memória atua como um elemento dinâmico, uma vez que sua essencialidade centra-se no aspecto individual em profunda relação com o meio social a que se desenvolve. De acordo com Geertz:

O pensamento humano é rematadamente social: social em sua origem, em suas funções, social em suas formas, social em suas aplicações. Fundamentalmente, é uma atividade pública – seu habitat natural é o pátio da casa, o local do mercado e a praça da cidade. (GEERTZ, 1989: 225).

A partir da perspectiva de Geertz, fica evidente que a construção da memória além de dinâmica é também plural, e isto está relacionado ao modo como as sociedades se organizam e como constroem seu presente.

Arelado aos conceitos atribuídos à memória há que destacar também o termo esquecimento. Se as variáveis utilizadas para a lembrança exalam pertinência para o grupo no qual o fato recordado está inserido, os atributos subtraídos ou esquecidos também merecem destaque, uma vez que demonstra a interação entre estes dois aspectos e a supressão de lembranças (TODOROV, 2000).

A seleção daquilo que será lembrado e conseqüentemente do que será esquecido, está condicionado, segundo Todorov (2000), aos espaços e processos sob os quais o sujeito ou grupo social está inserido. Tão importante e necessário quanto a memória, o esquecimento cumpre papel fundamental para a interpretação daquilo que para a sociedade não se faz necessário recordar. Contudo, Todorov (2000) ressalta que a prática do “fazer esquecer” desempenhou função indispensável para as estratégias de controle sobre o passado em regimes ditatoriais.

Nas últimas duas décadas, sobretudo a partir de 1990, o estudo sobre as identidades tornou-se alvo das ciências sociais. As mudanças históricas fizeram emergir a necessidade de compreender os fatores causadores do ritmo intenso nas dinâmicas sociais que ocorriam neste período. Portanto, a construção da identidade está intimamente atrelada à memória de um grupo, pois a mesma é produto plural e dinâmico da significância apropriada através de um discurso compatibilizado. Desse modo, a memória torna-se elemento indispensável para o processo de formação identitária de um grupo, e nesse processo o sujeito torna-se agente ativo dos processos de transformação histórica (SOUSA, 2008).

Compreendendo a identidade também como uma construção social, Pollak (1992) afirma que a contribuição da memória para identidade cultural centra-se em três pontos determinantes, são estes: os limites de pertencimento a um grupo, a continuidade temporal e o sentimento de coerência. Nesta perspectiva, segundo Pollak:

Podemos, portanto, dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (...). A memória e a identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais (POLLAK, 1992: 11)

Partindo da concepção desses autores, é possível compreender o quanto memória e identidade cultural estão relacionadas e em profunda interação, onde as construções dos referenciais tanto de um, quanto do outro se influenciam mutuamente.

Coletar memórias, transcrever relatos, pensar discursos construídos historicamente e refletir sobre a relação sujeito x passado, requer destacar em todas essas ações a importância do conceito de lugar, termo este associado diretamente a qualquer construção identitária. Indagar pessoas sobre suas concepções acerca do patrimônio arqueológico é, antes de tudo, indagá-las sobre o lugar em que construíram suas próprias vidas.

Há muitas concepções de *Lugar* e muitas interpretações sobre sua definição, a maioria delas relacionadas às noções de espaço ou simplesmente como território geográfico. Segundo Yi-Fu Tuan, teórico da geografia humanista, lugar pode ser compreendido como algo concreto. O termo lugar caracteriza-se como o palco de experiências do cotidiano, local onde se percebe o mundo e forja laços de afeto. Tuan destaca que “o lugar é uma classe especial do objeto. É uma concreção de valor, embora não seja uma coisa valiosa, que possa ser facilmente manipulada ou levada de um lado para outro; é um objeto no qual se pode morar.” (TUAN, 1983:14). Portanto, entende-se lugar e espaço a partir da ótica da experiência, das relações pessoais, do aspecto temporal,

do mito, dos valores espaciais e outras relevâncias que são ímpares. Diante disso, entende-se o conceito de lugar como porção do espaço em que há memória social, onde experiências são construídas e referenciais identitários são elaborados e reelaborados a todo instante.

A existência de uma nova disciplina que permitia pensar e questionar o passado construído socialmente forneceu uma série de possibilidades para a reconstrução da história, inclusive, inserindo neste, sujeitos até então marginalizados ou esquecidos. É nesse sentido que a História Oral destaca-se por seu caráter interdisciplinar e multivocal. Assim é notável a contribuição dos relatos orais na historiografia, seu valor para o registro da memória e suas potencialidades para a compreensão das manifestações culturais imateriais.

Tradicionalmente são caracterizados como escassos trabalhos em arqueologia que estejam voltados a esta perspectiva, provavelmente pela própria configuração de sua gênese. Todavia, a arqueologia pública quanto à história oral se propõe ao diálogo com comunidades tradicionais e busca, entre outras coisas, compreender o entendimento de grupos humanos sobre o patrimônio arqueológico e sua possível relação identitária com o mesmo. Para isso, apropria-se da história oral e inicia a construção de novos olhares sobre a cultura material pretérita, buscando a valorização do patrimônio material e imaterial através de uma aliança entre ciência e sociedade. Conforme aponta Gili:

La historia de vida, el relato oral, es testimonio de una realidad distante en tiempo y espacio; al ser registrada adquiere valor documental, se vuelve objeto de estudio e interpretación. La memoria colectiva es producto de un proceso social por el cual se construye sentido respecto del pasado y el presente de cada sociedad. Es al mismo tiempo elemento constitutivo y esencial de la identidad de una persona y de un grupo social. (GILI, 2009: 3).

Metodologia

O caminho teórico-metodológico trilhado para a construção deste trabalho buscou, entre outros, unir os métodos da história oral com os preceitos da arqueologia pública, para coletar os discursos, analisá-los e enfim perscrutar sobre a relação identitária entre os velhos e o Patrimônio arqueológico.

A coleta de dados foi desenvolvida em duas etapas, sendo a primeira caracterizada como fase de diagnóstico e a segunda compreendeu o contato mais longo realizado com os velhos.

Durante a fase de reconhecimento, foi possível observar algumas curiosidades relacionadas à própria dinâmica dos moradores da Vila do Catimbau que embora reconhecidos na região como um povo aquém dos costumes das cidades que os rodeiam, estão a todo tempo conciliando costumes antigos com práticas cotidianas contemporâneas.

Para obtenção dos dados foram entrevistados 26 idosos que residiam na vila do Catimbau e foi utilizado o método de entrevista despadronizada, na modalidade focalizada, que segundo Marconi e Lakatos,

Caracteriza-se pela utilização de um roteiro de tópicos relativos ao problema que se vai estudar e o entrevistador tem a liberdade de fazer as perguntas que quiser sobre o assunto apresentado, desse modo: sonda razões e motivos, fornece esclarecimentos sobre o objeto do diálogo, não obedecendo, a rigor, a uma estrutura formal (MARCONI; LAKATOS, 1996: 85).

Desse modo, aderimos às técnicas de abordagem e condução de entrevistas da História Oral, para desenvolver o diálogo e coletar os relatos dos velhos. As categorias escolhidas foram a Memória, a Identidade e a Arqueologia. A primeira que abriria o diálogo, diz respeito à **Memória**. Os assuntos que nortearam as questões sobre essa categoria visavam de modo geral estimular o memorando sobre sua história de vida e, ao mesmo tempo, observar como organizavam suas memórias individuais. Portanto, foram apresentadas questões sobre infância, juventude, saberes tradicionais, atividade econômica exercida no passado, objetos ou instrumentos que eram utilizados e que hoje não se utilizam mais. Em seguida, foi inserida a **Identidade** como categoria para coleta dos discursos e com o objetivo de resgatar a visão que o próprio indivíduo tem sobre ele mesmo. Portanto, foram abordadas questões sobre idade do indivíduo, crenças/religiões, atividade econômica, gênero e etnia. E a **Arqueologia** como categoria maior para essa discussão, na qual foram abordados os seguintes assuntos: parque, artefatos, arqueologia, paisagem e manifestações culturais. Ao indagarmos os velhos sobre seu envolvimento com o parque, pretendíamos verificar sua relação com aquele espaço depois que o mesmo tornou-se Unidade de Conservação e como as pessoas da Vila, sobretudo os mais velhos, se conectavam afetivamente com aqueles espaços, outrora ocupado por eles, seja no roçado ou em atividades de lazer.

O critério utilizado para análise dos resultados foi selecionar e identificar segmentos das entrevistas em que os entrevistados faziam referência direta ou indireta sobre sua relação com os sítios arqueológicos e com seu próprio passado, atribuído aos assuntos que lhes foram apresentados a partir do roteiro. Portanto, o primeiro passo para realização desta análise foi a transcrição das entrevistas e posteriormente a submissão das

mesmas no software auxiliar para análise do conteúdo em pesquisas qualitativas, o NVivo³. Diante dos interesses que conduziram este trabalho, adotamos as perspectivas de Bardin para analisarmos os discursos dos velhos do Catimbau.

Resultados

Reconhecimento

Quando questionados sobre a origem dos letreiros, os velhos buscavam respostas que são baseadas em construções coletivas. Portanto, as respostas dos que tinham alguma concepção sobre a formação dos letreiros apresentam-se embasadas em memórias coletivas, ou seja, embora sejam parecidas, agregam em sua expressão elementos individuais. Por elementos individuais entende-se o trecho da resposta em que o velho demonstra suas próprias curiosidades sobre o objeto.

A gente ficava pensando que os antigo que usava e deixava escritos assim, naquelas pedras. E eu não sei pra que eles fazia aquilo, talvez era pra deixar pra a gente ver e não esquecer deles. Era dos caboclo. Os caboclo pintava tudo (F. S., 66 anos).

Isso era dos caboclo. A gente tinha um terreno lá na pedra pintada que se chama pedra pintada por causa dos caboclo que moraram lá e pintaram... (D.S., 70 anos).

Ao buscarmos no texto da entrevista transcrita elementos que demonstrassem reconhecimento sobre os sítios arqueológicos, optamos por investigar respostas que apresentavam percepções através do discurso sobre o passado indígena. Vale salientar que essa categoria nos trouxe resultados passíveis de inúmeras problematizações, entre elas a influência do discurso construído historicamente frente à interação dessas pessoas com suas próprias origens. A narrativa frequentemente faz referência às histórias contadas pelos antepassados, partindo disso, percebe-se o peso que alguns conceitos carregam, uma vez que são empregados termos pejorativos para descrever o modo de vida dos índios.

³ O NVivo é um software desenvolvido para análise de dados em pesquisa qualitativa, que permite organizar, categorizar, explorar, codificar, relacionar nós (categorias de análises) e construir modelos a partir dos resultados obtidos. Versão utilizada neste trabalho: NVivo.10.

Contava algumas história... dos caboclo que matava as cobra e comia com mel de abelha, era uns bicho do mato, selvagem. Eram muito valente, brigava com todo mundo, brigava entre eles mesmo. Ah, dos caboclo tem essas história que eles pintavam as furna...que vivia de tocar fogo na mata pra construir morada.. às vezes os pai dizia a gente que os caboclo roubava a roça que a gente botava, eles não sabia botar roça direito não. Aí os pais se juntava e tentava pegar eles. Mas ninguém pega não... eles se enfiava nesses pé de serra e ninguém mais encontrava (S.A., 98 anos).

Outro elemento utilizado como ferramenta para decodificar o discurso, refere-se à aplicação de uma subcategoria que pudesse comportar as inúmeras referências feitas sobre mudança na cultura material e sua relação com métodos pré-coloniais de produção de utensílios domésticos. Como exemplo, há as correlações feitas no momento em que foi apresentado aos velhos do Catimbau fotografias de vestígios arqueológicos, especificamente dos fragmentos cerâmicos. Ao visualizarem as fotos, os velhos estabeleciam relações sobre a forma como suas vasilhas de cerâmicas eram produzidas, além de citarem outros instrumentos que eram improvisados ou produzidos para auxiliar nas tarefas de preparo de alimentos ou mesmo na obtenção, como as estratégias de caça.

As panela era todas de barro, que podia comprar nas feira de Buíque. Os prato, não era bem prato não.. era tanto umas cumbuca de barro como fundo de cabaça, ou às vezes nas latas. O pai dizia que antes eles mesmo fazia as panelona de barro por aqui, buscava o barro no barreiro do Breu e fazia e se virava mesmo, porque as vez não tinha dinheiro pra comprar na feira de Buíque (Z.B., 64 anos).

Envolvimento

Parte dos entrevistados expressaram suas percepções quando questionados sobre sua relação com o PARNA, os posicionamentos são balanceados entre aspectos positivos e negativos. No primeiro momento da análise, buscamos referenciais que justificassem a visitação ou a ausência da mesma aos espaços do Parque por parte dos velhos, obtemos algumas respostas que apontam para inúmeros fatores, entre elas as próprias limitações da velhice e a descrença em continuar visitando um espaço que já não cumpre papel funcional em seu cotidiano. Por papel funcional entende-se que aqueles espaços eram visitados pelos velhos quando os mesmos ainda executavam atividades de trabalho, sejam nas roças

ou na criação de animais. Quando atingiram a idade necessária para aposentar-se, os velhos se afastaram do campo e, conseqüentemente, do Parque.

Então, aquelas pedras eu conheci no tempo que eu anda pra aqueles lados nas roça, mas depois que a gente deixou de ir pra lá não vi mais, não. Não sei se vi alguém lá, nem sei se os letreiro ainda existe. A gente tá velho e é tudo do IBAMA hoje, aí não dá certo não (F.S., 77 anos).

Nessa mesma categoria, analisamos também a forma como os velhos citam os espaços em que desenvolviam suas atividades no passado. Por vezes, pudemos identificar que os espaços citados correspondiam com espaços onde hoje já existem sítios arqueológicos identificados e cadastrados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. Esse aspecto é bastante importante, pois demonstra de forma clara que há um cruzamento existencial entre episódios cotidianos que fazem parte das lembranças dos velhos e ocupações pré-coloniais, denominadas sítios arqueológicos. Portanto, entende-se que o fato do memorando recordar, reconhecer e apontar espaços onde existem os sítios de pintura rupestre, ou os sítios onde existem vestígios arqueológicos, representa um discurso que reconhece que aqueles espaços foram ocupados antes deles.

Trabalhei na Pedra Pintada, na Batinga, no Furtuoso, na Igrejinha, na Baixa Funda, em muitos lugares aí pra dentro. A gente sempre via umas pedra pintada por lá, na Igrejinha as vezes nós via uns taquinho de barro que parecia um pratinho, isso tudo é coisa dos caboclo que não existe mais (D.S., 70 anos).

Quando os velhos referenciam e comparam o que existiu com o que se transformou, estão, na verdade, buscando fragmentos apoiados em mudanças na cultura material que alterou em decorrência das próprias dinâmicas de transformação ocorridas no espaço. No momento em que citam a casa de farinha ou o moinho de pedra como exemplos do que já não existem – ou do que deixou de ser funcional para o contexto atual – estão afirmando que há um reconhecimento com um passado e que este está em processo de transformação conciliação com os novos espaços e instrumentos.

Era muito diferente. Só tinha mato. Umas casa distante das outra. Era uma escuridão medonha. Não tinha nada disso que tem hoje, não. Depois é que foi construindo... Mas era só mato. E antigamente não tinha esses luxo que tem hoje, nós

comia nos prato de barro e com colher de lata, bebia água em cabaça e em lata, e ninguém nunca morreu. Hoje é tudo afrescalhado... E também nós morava nos sítio nos mato, era melhor porque nós se virava e sempre dava certo, hoje tem complicação demais (Z.B., 68 anos).

Apropriação

A memória dos entrevistados, atrelada ao contexto sociocultural em que vivem, nos apresenta elementos que são fundamentais para uma análise sobre sua relação com os sítios arqueológicos. Portanto, é claro que a base para que haja uma conexão identitária entre velhos e Patrimônio arqueológico refere-se à tomada de consciência e apropriação dos elementos que constituem um sistema contextual de um espaço considerado arqueológico. Assim, analisamos a percepção dos velhos sobre a criação do PARNA, buscando identificar aspectos positivos e negativos na institucionalização do espaço como Unidade de Conservação.

A concepção dos velhos sobre a criação do parque é bastante instável, no sentido de ainda não terem um discurso articulado em relação a esta questão. Através dos discursos, identificamos que a maioria associa a criação do parque ao desenvolvimento do Catimbau, ancorado no turismo. Algumas respostas bem inusitadas chamam atenção para a própria preservação do meio ambiente, e este fator é apontado como elemento positivo. Uma terceira parte das respostas defende que a única vantagem existente na criação do parque refere-se ao fator econômico para quem, dentro da Vila, montou algum tipo de negócio que atende turistas, como pousadas e restaurantes.

É importante notar que em momento nenhum a preservação dos sítios arqueológicos é citada, talvez esse fato seja reflexo da ausência do próprio processo de educação patrimonial e ambiental, voltada ao esclarecimento das massas em relação à proposta do que seria uma Unidade de Conservação.

Mudou muito, não. Só pra quem fez um negócio, né? Mas foi bom porque agora os bichinho do mato estão protegidos, porque tava tudo se acabando, aí foi bom por isso. Agora os bichinho pode ficar nas furna quieto que ninguém pode caçar eles, aí o Catimbau vai voltar a ter bicho de todo tipo, isso foi bom porque com o IBAMA aí ninguém se mete a caçar, não. Se se meter o IBAMA tira e leva pro xadrez (P.A., 70 anos).

A última subcategoria analisada aponta resultados sobre a relação direta dos velhos com os sítios arqueológicos. Nesta etapa foi possível filtrar da narrativa as referências que demonstravam interação física e afetiva com os sítios arqueológicos, de modo que obtemos variados perfis que apresentam as formas como os memorandos concebem a ideia de um espaço arqueológico e o que conseqüentemente pensam sobre a existência dele.

Nota-se uma forte articulação entre a percepção dos velhos sobre os sítios arqueológicos, quando questionados sobre a existência dos sítios, e o que pensam eles dos mesmos, as respostas sempre se configuravam com bastante organização e estas sempre relacionadas a outras práticas cotidianas. É interessante perceber que a ideia sobre os sítios está condicionada e apoiada em outros elementos constituintes do cotidiano do memorando. Entretanto, esta percepção não nos demonstra uma relação direta com os sítios na contemporaneidade, contudo, nos apresenta uma relação que era mais forte no passado e que ao passar dos anos foi diminuindo em decorrência do afastamento do campo.

Tem até lá perto do meu sítio lá... Tem uns homem sem cabeça. Ah, pronto... é umas pedra que tem uns cabra sem cabeça. [risos]. E tem também num terreno ali tem um cemitério de índio ali. Foi tirado... Agora ninguém sabe se aquilo tem mais de mil anos, eu não sei. Mas tava uns índio enterrado nas loca ali. Conheço também essa casa de farinha, aquela casa de farinha é antiga. Muito dos antigo que já morreu trabalhou lá onde os caboclo pintou. Tem uns cento e vinte anos que eles pintaram... A gente não entende muito bem. E também tá velho pra subir aquilo tudo, aquelas pedra e tudo. Então a gente vê uma vez e tá bom, sabe que tem e que tá lá guardado. Ninguém mexe não (P.A., 70 anos).

Conheço assim de ver, né? As pinturinha nas pedras, aquelas letrinhas. Já vi sim. No caminho pra Igreja, pras furnas... Por lá tem. Gostava de ver, era uma arrumação interessante. Mas na época a gente não ficava vendo, não. Olhava assim rápido e seguia pras roça (A.S., 66 anos).

Memórias: Os Velhos do Catimbau e seus referenciais identitários

De vinte e seis entrevistas realizadas, apenas dez atenderam os objetivos de compreender a existência de uma relação identitária entre os velhos do Catimbau e o Patrimônio arqueológico do PARNA. A maior parte dos relatos, ou seja, os dezesseis

entrevistados, não forneceram e não expuseram nenhuma informação sobre os sítios arqueológicos; contudo, este montante é também considerado, pois se entende que representa não só a ausência de relação com o patrimônio arqueológico, mas sim um distanciamento com o passado. O distanciamento a que nos referimos configura-se pela própria escassez e desejo de não rememorar episódios que fizeram parte do seu passado. Os motivos são vários, entretanto, os mais acentuados foram as configurações a que a vida os condicionou, ou seja, sobretudo, fome, escassez de recursos e trabalho pesado.

Em relação à outra parcela dos entrevistados que corresponderam aos objetivos e apresentaram conhecimento, interação ou qualquer informação sobre sua relação com os sítios arqueológicos, pudemos verificar que de fato existiu uma relação entre os velhos e o patrimônio arqueológico, contudo, esta relação sempre foi intermediada pelas atividades de trabalho. Ficou claro a partir das narrativas que os velhos cruzavam os caminhos onde há sítios quando estavam indo para a roça ou mesmo quando estavam caçando. Contudo, como todos se aposentaram de suas atividades agropastoris e conseqüentemente se afastaram do campo, isso automaticamente causou um afastamento daqueles espaços.

No livro sobre 'Lembranças de Velhos', Ecléa Bosi sustenta a tese de que o Velho ao ser indagado sobre os fatos de seu passado está, na verdade, "se ocupando consciente e atentamente do próprio passado, da substância mesma da sua vida" (BOSI, 1994:q 60). Essa afirmação ilustra que o elemento básico e delineador de toda sua história de vida é o trabalho, ou seja, todos os acontecimentos que configuraram sua própria história transitaram necessariamente por este elemento chave.

Deste modo, não é diferente com outras pesquisas que também se debruçaram sobre questões de apropriação com o lugar ou com o patrimônio cultural de determinado grupo social. O trabalho desenvolvido por Bustamante (2006) objetivava compreender a existência de uma memória e identidade local no município de Icapuí, Ceará. Conduzindo a pesquisa com conceitos que fazem parte das discussões sobre memória e atrelado a estes, atribuiu também discussões sobre lugar, territorialização e sentimento de pertença, entrevistou diversas pessoas de diversas faixas etárias e profissões. A autora concluiu que antes mesmo de existir uma identidade icapuiense, existia uma identidade praiana ligada, sobretudo, ao trabalho das práticas de pesca e extrativismo de algas e moluscos que, durante longos anos, foram a base para a sobrevivência das comunidades locais.

Os referenciais identitários dos velhos do Catimbau atravessam inúmeros eventos que fizeram parte de toda sua história. Entretanto, os resultados obtidos aqui nos indicam que não existe uma relação identitária diretamente com o patrimônio arqueológico, mas sim que a compreensão desta interação e deste reconhecimento passa e transpassa todos os

eventos cotidianos ligados ao trabalho e aos fatores que conduziam os velhos aos espaços em que existem sítios arqueológicos.

O afastamento dos velhos em relação ao patrimônio arqueológico pode ser interpretado a partir de alguns fatores apontados anteriormente, contudo, pode-se destacar, especificamente: o discurso construído historicamente sobre o que é ser índio e como eram os índios que ocuparam o Catimbau no passado. Em seguida, o advento da aposentadoria que conseqüentemente retirou os velhos de suas atividades trabalhistas, conforme discutido anteriormente.

Em relação aos discursos negativos socialmente e historicamente construídos a respeito das percepções sobre os indígenas que ocuparam o Catimbau, entende-se como parte de estratégias que objetivavam a conquista daquelas terras biquenses para, sobretudo, exploração de salitre (CAVALCANTI, 1999). Essas ideias perpassaram séculos e ainda hoje são possíveis de serem encontradas nas narrativas dos velhos da Vila do Catimbau. Portanto, acredita-se ser este também um elemento com grande força para explicar o não interesse dos memorandos sobre seu passado indígena, que se caracteriza de forma tão expressiva através dos inúmeros sítios arqueológicos presente no Parque Nacional do Catimbau.

Considerações finais

É reconhecível a dificuldade na introdução do diálogo entre as práticas e objetivos da ciência social que é a arqueologia e o público. Contudo, este trabalho mostrou que existem contextos em que seja necessária uma inversão para esta interação, ou seja, é preciso dar voz ao público e deixá-lo situar-se sob seus próprios conceitos no mundo arqueológico. O diálogo desenvolvido com os velhos atendeu completamente as perspectivas, entendemos que a relação identitária para existir, não necessariamente, precisa estar diretamente ligada a determinado objeto, mas sim aos outros elementos que possibilitam essa relação e, às vezes, ela é tão sutil que é interpretada como ausência, desinteresse, descaso.

É entendido aqui que as relações socioculturais, identitárias, afetivas e simbólicas, podem perpassar os limites físicos e continuarem existindo na memória coletiva. Toma-se e considera-se este fator como indispensável para pensar a preservação dos sítios arqueológicos, que só será possível a partir da criação de outras pontes que remetam os sujeitos ao seu passado e, conseqüentemente, ao seu patrimônio cultural.

Por fim, é pertinente expor uma inquietação latente: a forma como a educação patrimonial vem sendo aplicada contempla as pluralidades discursivas dos diversos sujeitos que ocupam de formas variadas os lugares que são também arqueológicos?

Agradecimentos

Aos **Velhos do Catimbau**.

Referências bibliográficas

AMARAL, Marília. **Os sítios rupestres em Buíque, Venturosa e Pedra (PE) no contexto da geopaisagem**. 2007. 187f. (Dissertação de Mestrado em Arqueologia - Programa de Pós-graduação em Arqueologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

BARBOSA, Ricardo. **As pinturas rupestres da área arqueológica do Vale do Catimbau – Buíque, Pernambuco**: Estudo das Fronteiras gráficas de passagem. 2007. 206f. (Dissertação de Mestrado em Arqueologia - Programa de Pós-Graduação em Arqueologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 4 ed. Lisboa: Edições 70, 2006.

BOADO, Felipe Criado. Construcción social del espacio y reconstrucción arqueológica del paisaje. **Boletín de Antropología Americana**, n.24, p.5-29, 1991.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade, lembranças dos velhos**. 3 ed. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

BUSTAMANTE, Ana Maria. **Memória e Identidade Local em Icapuí, Ceará**. 2005. 287f. (Tese de Doutorado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, Instituto de Psicologia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

CASTRO, Viviane Cavalcanti de. O uso do conceito de Identidade na Arqueologia. **Clio**, Série Arqueológica, v.1, n. 23, p. 170, 2008.

CAVALCANTI, Carmen Lúcia Lins. **As Minas de Salitre em Campos de Buíque**: um caso de utilização do trabalho indígena na Capitania de Pernambuco (1698-1706). (Dissertação de Mestrado, Departamento de História) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1999.

FERNANDES, Tatiane. **Vamos criar um sentimento?** Um olhar sobre Arqueologia Pública no Brasil. 2005. 117f. (Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia – MAE) - USP, São Paulo, 2007.

FUNARI, Pedro. Public archaeology from a Latin American perspective. In:_____. **Public Archaeology**. American Anthropological Association, Boston, 2001.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

GILI, María. La Historia Oral y la memoria Colectiva como Herramientas para el Registro del Pasado. In:_____. **Las sociedades de los paisajes áridos y semiáridos del centro-este argentino**: Rio Cuarto, 2009.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 4 ed., Campinas: Editora Unicamp, 1996.

MARCONI, Marina. LAKATOS, Eva. **Técnicas de Pesquisa**. 3 ed., São Paulo: Atlas, 1996.

MARTIN, Gabriela. As Pinturas Rupestres do Sítio Alcobaça, Buíque-PE, no Contexto da Tradição Agreste. **Clio**, Série Arqueológica, n.18, p. 18-26, 2005.

OLIVEIRA, Vítor. **Arqueologia, Património e Cultura**. 2 ed., Lisboa: Instituto Piaget, 2007.

OLIVEIRA, Ana. **O sítio arqueológico Alcobaça**: Buíque, Pernambuco. Estudo das Estruturas Arqueológicas. 2001. 186f. Tese (Doutorado em História), Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2001.

_____. O Sítio Alcobaça: Sítio Referência no Vale do Catimbau – Buíque – PE. **Clio**, Série Arqueológica, v. 1, n.21, p. 13-18, 2006.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, Out/Nov. 1992.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral. **Projeto História**: Revista do programa de estudos pós-graduados em História e do departamento de História da PUC-SP. São Paulo, n. 22, 2001.

PROENÇA, André. **Ocupações Pré-coloniais no Parque Nacional do Catimbau**: Proposta Interpretativa às Paisagens Arqueológicas. 2013. 289f. (Tese de Doutorado em Geografia, Programa de Pós Graduação em Geografia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.

SOUSA, Bertone de Oliveira. A memória como elemento da construção de uma identidade cultural. **Anais do I congresso Nacional e II Regional de História da UFG**, Jataí, 2008.

TODOROV, Tzvetan. **Los abusos de la memoria**. Barcelona: Paidós, 2000.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. 3 ed., São Paulo: Eduep, 1983.